

## Aula de redação: desafios de uma prática\*

Sarita Erthal\*\*

### Resumo

A escrita invadiu incontestavelmente o cotidiano. Se esta sociedade já girava em torno das letras, as novas tecnologias, com suas diversas roupagens, vêm diversificando o modo de o ser humano se comunicar, valorizando ainda mais o grafocentrismo. Mesmo assim, estudantes do ensino médio, ainda que colaboradores de *blogs* ou usuários de redes sociais, encontram-se atados diante da necessidade de redigir um texto dissertativo-argumentativo, conforme as exigências dos principais vestibulares do país, inclusive do ENEM. São várias as questões existentes em torno dessa dificuldade. Propõe-se, então, discutir alguns motivos que levam esses jovens ao usual temor diante das linhas em branco, a partir, não só de experiências pessoais, como de algumas relatadas por Othon M. Garcia, Alcir Pécora e Maria da Graça Costa Val.

Palavras-chave: problemas – redação – ensino

### 1- Por que é difícil (ensinar a) escrever?

Nunca se escreveu tanto. Escrever está na moda. Nunca foi tão fácil ser escritor. Essas frases, embora generalizantes, transformaram-se em jargões e vêm-se propagando em diversos meios, desde a internet até alguns livros especializados na própria escrita. Com a ascensão das novas tecnologias, houve quem apostasse no fim dos livros de papel, mas, de modo inverso, sua venda aumentou com a facilidade da divulgação e do comércio *on line*. Na contra mão desse processo, escolas e professores relutam em reconhecer o poder dessas novidades, além do fascínio do jovem pelo ambiente digital. Mesmo que o tradicional papel ainda esteja longe de se aposentar, tanto pela confiabilidade quanto pelo conforto da leitura realizada em tinta preta sobre celulose, ainda não superado pela informática, entre livros e

---

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015.

\*\* Graduada em Letras, Universidade Estácio de Sá. Mestra em Cognição e Linguagem, UENF. E-mail: saritaerthal@gmail.com

*bytes*, jovens convivem com vários tipos de linguagem. E, nas primeiras décadas do século XXI, redigir bem os textos propostos pela escola continua sendo, para muitos, um grande desafio.

Na busca por justificativas que expliquem tão baixo desempenho, uma hipótese corrente no senso-comum é justamente o uso exagerado dos meios de comunicação virtual por crianças e adolescentes. Porém, essa assertiva pode ser desconsiderada em função de alguns estudos sobre a ineficácia de muitas redações em provas de vestibular. Othon M. Garcia (2006), Alcir Pécora (2011) e Maria da Graça Val (1999) são alguns dos pesquisadores que se debruçaram sobre esse tema, nas décadas de 60, 70 e 80, respectivamente, período em que cartas pessoais, telegramas e cartões postais eram tão comuns nas caixas de correio quanto as atuais trocas de mensagens eletrônicas.

*Problemas de redação* (Pécora, 1983) é um dos livros que foi escrito em virtude da urgência não só de descrever os problemas linguísticos com os quais estudantes chegam à universidade, mas da necessidade de reflexão em torno deles, assim como das maneiras de superá-los. Se a primeira edição data de 1983, nota-se, de acordo com os relatos do autor, que pouco, ou nada, mudou mais de trinta anos depois. Naquele período, um curso oferecido aos alunos do oitavo período de Linguística na UNICAMP, em 1976, chamou a atenção de alguns linguistas, entre eles, Alcir Pécora, ao se detectar que, no final da graduação, universitários ainda não dominavam preceitos suficientes a uma escrita que fosse compatível com sua formação.

Várias são as hipóteses de Pécora (1983, p. 7) para o fracasso. Entre elas, destaca-se a desvalorização da área de humanas, reflexo de uma política educacional que valorizava o meio técnico, o que fez com que o campo dessas ciências sofresse com a redução de verbas e o pouco público interessado. Além disso, há outras questões referentes ao ensino médio que, em parte, justificam o preparo ineficaz do aluno. Bastante atuais, apesar da distância temporal, especialmente no que tange à educação pública, estas versam sobre a falta de material didático, precária infraestrutura da escola, profissionais inadequados às suas funções e burocratização.

Em uma linha semelhante, na tentativa de identificar falhas e propor alternativas para o ensino de redação escolar, Maria da Graça Costa Val, em *Redação e textualidade* (1999), analisa cem redações de candidatos ao curso de Letras da UFMG no vestibular de 1983. Na obra, a autora parte da noção de texto como elemento essencial, para que se compreendam as propriedades básicas formadoras dessa unidade linguística, e destaca, como peculiaridades necessárias à produção e recepção textuais, “as intenções do produtor; o jogo de imagens

mentais que cada um dos interlocutores faz de si, do outro e do outro com relação a si mesmo e ao tema do discurso; e o espaço de perceptividade visual e acústica comum, na comunicação face a face” (1999, p. 4). A boa compreensão do texto, segundo Val, ocorrerá se forem avaliados os aspectos pragmático (intencionalidade, aceitabilidade e situacionalidade), semântico-conceitual (coerência) e formal (coesão) do texto.

Para que um texto seja pragmático, ele precisa de coerência. Esse é o elemento fundamental da textualidade, conforme Maria das Graças (1999, p. 17). Em se tratando de coerência, contudo, continuidade, progressão, não-contradição e articulação são essenciais. Isto é, com adequada coesão, chega-se à harmonia de sentido, desde que, ainda, contexto e interlocutor sejam levados em consideração. Diante da importância do pragmatismo, à informatividade deve ser atribuída especial atenção. De modo geral, ela é entendida como a capacidade de o texto acrescentar informações novas e inesperadas ao repertório do receptor. Val (1999, p. 30) não leva a originalidade em consideração, mas, “a capacidade que tem um texto de efetivamente informar seu receptor”.

Por esse pressuposto, um texto previsível, com clichês, estereótipos, frases feitas e afirmações sobre o óbvio, tem baixa informatividade. Mesmo que seja coeso e coerente, seu pragmatismo será ineficaz. *Redação e textualidade* (Val, 1999, p. 31) traz também outros dois níveis de informatividade, além do mais baixo já citado. Em categoria intermediária, há o equilíbrio entre o previsível e o original, o que acarreta uma boa aceitação do interlocutor por apresentar o novo sem provocar estranhamento. Por último, se o receptor não encontra o suporte esperado no texto, ainda que por algum tempo, torna-se difícil atribuir sentido ao enunciado. No todo textual, o segundo nível é o passível de estabelecer uma comunicação mais eficaz, justamente por equilibrar o óbvio com o inusitado. Caso contrário, um texto pouco informativo e desinteressante, como no primeiro nível, ou difícil e impenetrável, como no terceiro, tende a ser rejeitado.

Nas palavras da linguista,

avaliar a informatividade significa, para mim, medir o sucesso do texto em levar conhecimento ao receptor, configurando-se como ato de comunicação efetivo. Esse sucesso depende, em parte, da capacidade do discurso de acrescentar alguma coisa à experiência do receptor, no plano conceitual ou no plano da expressão (imprevisibilidade). De outra parte, resulta do equilíbrio entre o que o texto oferece e o que confia à participação de quem o interpreta (suficiência de dados). (Val, 1999, p. 32-33)

Como a pesquisa descrita na obra mencionada envolveu o estudo de cem redações de vestibular, a autora, após explicar os aspectos considerados para a correção, ressalta, ainda, a

necessidade de uma avaliação global, ou seja, da análise macroestrutural do texto: “no plano da coerência não há como avaliar fragmentos” (Val, 1999, p. 37).

A dificuldade que muitos estudantes do ensino médio e pré-vestibular têm em elaborar um texto coeso, coerente e satisfatório em informatividade motivou Othon Moacyr Garcia escrever *Comunicação em prosa moderna* (2006). Para o autor, é primordial que o aluno organize o próprio raciocínio antes de produzir o texto. É uma relação em cadeia: a elaboração do pensamento leva a um bom planejamento textual e, conseqüentemente, a um bom texto, visto que apenas com correção gramatical não se atingem os objetivos almejados.

Todos reconhecemos ser ilusão supor – como já dissemos – que se está apto a escrever quando se conhecem as regras gramaticais e suas exceções. Há evidentemente um mínimo de gramática indispensável (grafia, pontuação, um pouco de morfologia e um pouco de sintaxe), mínimo suficiente para permitir que o estudante adquira certos hábitos de estruturação de frases modestas, mas claras, coerentes, objetivas. A experiência nos ensina que as falhas mais graves das redações dos nossos colegiais resultam menos das incorreções gramaticais do que da falta de ideias ou sua má concatenação. Escreve realmente mal o estudante que não tem o que dizer porque não aprendeu a pôr em ordem seu pensamento, e porque não tem o que dizer, não lhe bastam as regrinhas gramaticais, nem mesmo o melhor vocabulário de que possa dispor. Portanto, é preciso fornecer-lhe os meios de disciplinar o raciocínio, de estimular-lhe o espírito da observação dos fatos e ensiná-lo a criar ou aprovisionar ideias: ensinar, enfim, a pensar. (Garcia, 2006, p. 301)

Garcia critica a obsessão em se ater ao purismo linguístico nas aulas de língua portuguesa em prejuízo do valor de ensinar a pensar. A gramática tem grande importância nesse processo, pois só com ela existem linguagem e sentido. Como ressalta André Conforte (2011, p. 22-23), em estudo sobre *Comunicação em prosa moderna*, “a relevância que OMG dá à frase [...] deve-se, sem dúvida, à orientação de privilegiar o fator comunicativo, não necessariamente em detrimento do sintático, mas pelo fato de ter o autor ideia clara de que este deve estar a serviço daquele”.

## **2- Ordenando o pensamento**

O breve comentário acerca da bibliografia que embasa este texto resume um dos grandes desafios do professor de redação: dotar o aluno de meios que lhe possibilitem redigir, com clareza, textos que atendam ao preceito da informatividade. Sua baixa foi o grande impasse detectado por Maria das Graças (1999, p. 115); Pécora (2011, p. 13), sobre sua pesquisa, constata que “a maioria absoluta das redações – quando se fala de problemas de escrita escolar, jamais falta *quorum* – pautava sua reflexão por uma colagem mal-ajambrada de frases feitas e acabadas, retiradas de fontes não muito diversificadas”. Apesar de esses dois

autores afirmarem que o objetivo dos seus livros era o de levantar a problemática a ser discutida, e não solucioná-la, décadas depois do seu lançamento, o panorama não sofreu grandes alterações.

Um clichê usual entre atores da educação diz que, no Brasil, a escola é do século XIX, o professor, do século XX e o aluno, do XXI. Mudar uma estrutura que vem se arrastando há tanto tempo envolve estudo, pesquisa e, sobretudo, determinação. Certamente, esse é o maior desafio não só do professor de produção textual mas de todos os que acreditam na importância de educar. Nessa vertente, os estudiosos anteriormente citados lançam suas inquietações sobre o terreno fértil que é a discussão sobre o valor da escrita na sociedade hodierna, mas algumas barreiras dificultam sua germinação.

Assim como ressaltado por Garcia, Pécora e Val, a pobreza em informatividade permanece como um dos grandes problemas a ser enfrentado nas aulas de redação ultimamente. A seguir, eis os motivos mais frequentes para o fracasso no nível de informações em redações escolares.

**1) Muitos estudantes têm pouco interesse em textos escritos de aceitável confiabilidade, e que privilegiam a escrita formal, como jornal impresso, por exemplo.**

A internet é uma ótima ferramenta para a propagação de ideias, informações e produtos, mas, o hipertexto oferece inúmeras possibilidades de leitura, que levam o leitor a acessar diversos *links*, propiciando o desvio do objetivo. Pela velocidade com que publicações podem ser feitas, muitos conteúdos não passam por revisão adequada, seja com relação ao uso do idioma, ou à veracidade das matérias. A rede é democrática, qualquer pessoa pode se expressar nela. É preciso saber filtrar o que é relevante.

**2) O excesso de informações – muitas, desnecessárias – propicia a falta de aprofundamento, o que gera ainda mais fragmentação.**

Como abordado no item anterior, o conhecimento torna-se material de fácil abrangência. Com as novas tecnologias, ocorre a supressão do espaço pelo tempo, e as informações circulam em grande velocidade, até por lugares imprevistos. A presença de aparelhos eletrônicos no cotidiano possibilita que infinitos conteúdos sejam facilmente acessados. Assim, sabe-se superficialmente sobre vários assuntos, mas se conhece muito pouco em profundidade.

**3) As facilidades oferecidas pela internet levam ao comodismo, ou seja, à preguiça de pensar.**

Pesquisar em uma biblioteca e fazer resumos de livros, atitudes corriqueiras para estudantes de décadas passadas, vêm perdendo espaço para o grande acervo global *on line*. Não que esses hábitos dotassem aqueles indivíduos de satisfatória quantidade de informação a ser trabalhada em um texto. Se fosse assim, essa defasagem não teria sido apontada como problema de redação tempos atrás. Porém, o pragmatismo de outras ações vence a necessidade de tempo para reflexão e para ordenação lógica e prática das ideias.

**4) Profissões que envolvem mais o conhecimento técnico do que o saber reconhecido pelas ciências humanas têm sido mais valorizadas.**

As ciências humanas sofreram um forte abalo com o desenvolvimento da tecnologia, em especial, após a Grande Guerra (Benjamin, 1994). Em nome da reconstrução das experiências falidas, decorrentes do conflito bélico, a tecnologia desenvolvida para o combate passou a ser usada em prol da indústria de bens de consumo. As ciências que têm o ser humano em seu centro perderam seu valor, em detrimento dos saberes que vão ao encontro do pragmatismo proposto pelo capitalismo.

Além da problemática voltada para a falta de informatividade, há ainda outros obstáculos.

**5) Falta de hábito de escrever textos longos.**

O pragmatismo, a falta de tempo e a tecnologia levam muitos estudantes à síntese no momento da escrita. A redução do texto, em várias ocasiões, é realizada por abreviações, onomatopeias e *emoticons* (imagens usadas em bate-papo para transmitir emoções). A questão não é a troca da norma culta pela coloquial – ou por símbolos –, mas a menor necessidade de se desenvolver o pensamento por meio de palavras e da lógica gramatical.

**6) Dificuldade em se entender o valor da redação escolar (“Para que serve isso?”).**

Diante de um panorama em que a moeda parece valer mais que palavras, alguns educandos questionam o porquê da disciplina redação, visto que não conseguem relacionar sua aprendizagem às carreiras a que visam.

**7) O trabalho com a reescrita é fundamental para que os alunos reflitam sobre seu próprio erro, mas o cotidiano escolar dificulta esse trabalho.**

Dentro de cinquenta minutos, acompanhar vinte, trinta, quarenta alunos realizando a reescrita de seus textos previamente corrigidos não é uma tarefa simples. Se os estudantes a levam para casa, o trabalho poderá surtir bom efeito se o professor tiver realizado uma correção com bilhetes textuais interativos, como propõe Eliana Donato Ruiz (2013). Porém, isso nem sempre é possível, em se tratando de uma profissão que tende a levar mestres a uma carga horária excessiva em função da desvalorização da carreira.

### **3- Há solução?**

Se uma das maiores dificuldades em redigir boas redações escolares, satisfatórias em informatividade, é resultante do mundo dito pós-moderno, como interferir no reflexo cultural desse cenário? A fragmentação característica do hoje, consequência da ação das outras tantas linguagens em trânsito na sociedade, torna-se, então, um grande obstáculo ao professor de produção textual. Este também é um ser que traz consigo essas marcas por estar inserido no mesmo espaço social que o aluno, porém é detentor de um olhar mais crítico e experiente, capaz de iluminar os caminhos pelos quais o estudante precisa percorrer para que tenha uma escrita clara, coesa e coerente, necessária não só ao desempenho escolar mas às múltiplas atividades propostas pela própria vida.

Nessa perspectiva, à aula de redação, não bastam apenas gramática, teorias, esquemas ou fórmulas decoradas. Nada disso adianta se o aluno não tiver bagagem suficiente sobre determinado assunto. Assim, para aprender a pensar, além do suporte teórico pertinente, o professor precisa trabalhar temas em classe a ponto de esgotá-los. Para isso, cabe ao profissional, refletir sobre suas várias possibilidades de abordagem, na tentativa de se tornar imparcial, ainda que isso seja impossível. Caso contrário, as redações permanecerão como cópias do ponto de vista do mestre ou como uma colagem de opiniões alheias e vagas.

### **Referências**

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CONFORTE, André Nemi. *A esfinge clara em prosa moderna: a contribuição de Othon Moacyr Garcia aos estudos linguísticos, textuais e literários*. Rio de Janeiro, 2011. 255p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2011.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GARCIA, Otton Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar*. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

PÉCORA, Alcir. *Problemas de redação*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

RUIZ, Eliana Donaio. *Como corrigir redações na escola: uma proposta textual-interativa*. São Paulo: Contexto, 2013.